

Corrida contra o relógio

O biólogo Thomas Lovejoy diz que é preciso restaurar parte da Amazônia desmatada para salvar a floresta e enfrentar as mudanças climáticas

Os efeitos combinados das mudanças climáticas, desmatamento e queimadas podem desencadear um grande processo de perda da biodiversidade da Amazônia quando se alcançar 20% de devastação do território. A previsão, feita por um relatório do Banco Mundial, é usada pelo biólogo norte-americano Thomas Lovejoy, um estudioso da Amazônia há quatro décadas que introduziu o termo biodiversidade na comunidade científica nos anos 1980, para tratar da urgência em resgatar ecossistemas em degradação. “A restauração de ecossistemas, como o reflorestamento da Amazônia, em escala planetária também estabelece a possibilidade de remover parte do CO₂ da atmosfera e convertê-lo em sistemas vivos”, diz Lovejoy, que preside o Centro Heinz para Ciência, Economia e Meio Ambiente, é membro do Conselho Curador da Fundação Brasileira para o Desenvolvimento Sustentável e consultor do Banco Mundial.

Em 22 de maio, o Dia Internacional da Biodiversidade, Lovejoy estará em São Paulo, a convite do programa Biota-FAPESP, para proferir uma palestra sobre o 3º Global Biodiversity Outlook (GBO3), iniciativa da Convenção sobre a Diversidade Biológica que busca discutir indicadores para se monitorar a redução nas taxas de extinção de espécies, destruição de habitats e de serviços prestados por ecossistemas. Na entrevista a seguir, Lovejoy trata desse tema e das perspectivas da preservação da biodiversidade.

■ *A versão preliminar do relatório Global Biodiversity Outlook 3 informa que não foi atingida a meta combinada em 2002 de “obter uma redução significativa da taxa atual de perda da biodiversidade”. Por que isso aconteceu?*

— As metas não tinham sido estabelecidas até pouco depois de 2002 e sempre leva tempo para definir as atividades e organizar as instituições. Mas a consciência de que elas não estavam sendo atingidas levantou discussões sobre a necessidade de fazer da definição de metas um exercício mais sólido. Diria que o problema foi que a questão não estava sendo suficientemente levada a sério em termos globais.

■ *Qual é a sua opinião sobre as políticas e as ações adotadas para proteger a Floresta Amazônica nos últimos 10 anos? A savanização da Amazônia foi apontada pelo Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC) como uma provável consequência do aquecimento global. Acredita neste cenário?*

— Houve uma mudança dramática e positiva na última década na Amazônia brasileira. Isso incluiu um abrupto declínio nas taxas de desmatamento, a criação de expressivas novas áreas de proteção, melhorias no processo de titulação de terras e uma mudança geracional nas lideranças dos estados da região. Trata-se, no entanto, de uma corrida contra o tempo. Um estudo recente do Banco Mundial mostrou que os efeitos combinados das mudanças climáticas, desmatamento e queimadas poderiam desencadear um processo de

morte da floresta quando se alcançasse 20% de devastação na Amazônia. Isso traria implicações importantes para a agroindústria e a geração de energia hidrelétrica ao sul e a leste por causa das chuvas oriundas do ciclo hidrológico da Amazônia. Isso faz com que o reflorestamento agressivo da Amazônia para reconstruir uma margem de segurança seja uma prioridade urgente.

■ *Como a redução na perda da biodiversidade pode ajudar a enfrentar a pobreza, promover o desenvolvimento e lidar com as mudanças climáticas?*

— Pavan Sukhdev, do Deutsche Bank, fez um importante estudo dois anos atrás no qual documentou a parcela significativa da renda dos pobres gerada por produtos e serviços da biodiversidade e dos ecossistemas. A biodiversidade é de enorme importância para os pobres. Mas todos nos beneficiamos dela, não apenas os pobres. A bacia hidrográfica de Nova York fornece água de alta qualidade para a cidade ao custo de um décimo do valor que seria gasto por uma estação de purificação de água criada para a mesma tarefa. A humanidade se beneficia regularmente das contribuições das espécies selvagens e dos ecossistemas, embora cometamos o erro de raramente contabilizarmos isso dessa forma. A restauração de ecossistemas, como o reflorestamento da Amazônia, feita em escala planetária estabelece a possibilidade de remover parte do CO₂ da atmosfera, provavelmente o equivalente a 40 partes por milhão, e convertê-lo de volta em sistemas vivos.

■ *Incertezas sobre os resultados da ciência do clima têm sido usadas para atacar as conclusões do IPCC. Como os cientistas enfrentam as críticas relacionadas à perda da biodiversidade?*

— Há inevitavelmente desacordo acerca de detalhes, mas essencialmente todos os cientistas que estudam a biodiversidade concordam que existe uma crise. Prevejo que em algum momento haverá um esforço coordenado para dizer que isso está acontecendo, mas que não é importante. Mas até mesmo o ex-governador do Mato Grosso Blairo Maggi sabe que seus campos de soja dependem das chuvas que vêm do Amazonas, um serviço que seria uma loucura ignorar ou permitir que deteriore.

■ *Quais são as principais diferenças do GBO3 e dos relatórios anteriores em relação à quantidade e à qualidade de dados globais e ao uso de indicadores ligados à proteção e ao uso sustentável da biodiversidade? A ciência brasileira tem ajudado com bons dados?*

— O GBO3, assim como seus predecessores, é construído a partir de relatórios nacionais bem como de outros dados. Os relatórios nacionais estão claramente muito melhores e mais robustos hoje em contraste com os do GBO1 e do GBO2. Não vi o relatório brasileiro, mas suponho que também seja bom e robusto. O Brasil é muito forte cientificamente, inclusive em biologia da conservação. Certamente, o programa Biota e instituições como a FAPESP têm contribuído significativamente para esse relatório e para os próximos, assim como para a conservação em si.

■ *Há uma tendência de organismos multilaterais de converter a proteção à biodiversidade em serviços ambientais, utilizando-os para quantificar avanços nas questões de conservação da biodiversidade. Concorde com isso? Há quem diga que se trata de uma simplificação antropocêntrica, pois os serviços considerados são benefícios para o homem.*

— Os serviços dos ecossistemas constituem uma perspectiva importante sobre o valor da natureza para a humanidade, mas há uma abundância de discretos “produtos” que emanam de uma única espécie ou de grupos de espécies que não devem ser ignorados. É fundamental reconhecer que as espécies são a estrutura

de um ecossistema e é a soma de suas funções que fornece um serviço.

■ *Qual a sua opinião sobre a ciência brasileira vinculada à conservação e ao uso sustentável da biodiversidade?*

— O Brasil tem ecologistas, especialistas em biodiversidade, biólogos da conservação e outros cientistas de classe mundial. Eles dão uma enorme contribuição em âmbito nacional, além de uma contribuição significativa em escala mundial. O mundo só pode se beneficiar se a influência científica do Brasil neste campo continuar a crescer.

■ *Qual é a sua opinião sobre a política de combate à biopirataria no Brasil?*

— De modo geral, tem havido um considerável exagero na preocupação com a biopirataria no Brasil. Nós estamos em uma nova época na qual cientistas do mundo inteiro são sensíveis ao problema e estão sujeitos a autorizações nos países em que trabalham. Os reais biopiratas são aqueles que destroem a biodiversidade, porque, dessa forma, ela não poderá nunca contribuir para o conhecimento e o bem-estar dos cidadãos. Houve um momento na década passada em que as

políticas de permissão tornaram-se pesadas para desencorajar os estrangeiros a participar da pesquisa. O progresso da ciência é maior quando a colaboração internacional é facilitada.

■ *Considera justas as críticas sobre as estratégias brasileiras para obter energia? Usinas hidrelétricas e bioenergia são opções limpas, mas enfrentam críticas em relação a impactos na biodiversidade e a segurança alimentar.*

— O Brasil está em posição de fazer contribuições importantes no campo da energia, particularmente em biocombustíveis, embora os detalhes sejam sempre importantes. Ao mesmo tempo, existem oportunidades imensas para melhorar a eficiência energética. Eu acho que o Brasil precisa de um novo modelo nacional para ir ao encontro de suas necessidades de energia de uma maneira muito mais sustentável – capaz de incorporar eficiência, preocupação com o uso da terra e formas adequadas de fazer barragens em rios. Até que desenvolva esse novo modelo, estará sujeito a projetos problemáticos como esse da Usina de Belo Monte. ■

FABRÍCIO MARQUES



Lovejoy: palestra em São Paulo no Dia da Biodiversidade